

CAPÍTULO LX¹

O abraço

Cuidei que o pobre-diabo estivesse doudo, e ia afastar-me, quando ele me pegou no pulso, e olhou alguns instantes para o brilhante que eu trazia no dedo. Senti-lhe na mão uns estremeções de cobiça, uns pruridos de posse.

– Magnífico! disse ele.

Depois começou a andar à roda de mim e a examinar-me muito.

– O senhor trata-se, disse ele. Joias, roupa fina, elegante e... Compare esses sapatos aos meus; que diferença! Pudera não! Digo-lhe que se trata. E moças? Como vão elas? Está casado?

– Não...

– Nem eu.

– Moro na rua...

– Não quero saber onde mora, atalhou Quincas Borba.² Se alguma vez nos virmos, dê-me outra nota de cinco mil-reis; mas permita-me que não a vá buscar à sua casa. É uma espécie de orgulho... Agora, adeus; vejo que está impaciente.

– Adeus!

– E obrigado. Deixa-me agradecer-lhe de mais perto?

E dizendo isto abraçou-me com tal ímpeto, que não pude³ evitá-lo. Separamo-nos finalmente, eu a passo largo, com a camisa amarrrotada do abraço, enfadado e triste. Já não dominava em mim a parte simpática da sensação, mas a outra. Quisera ver-lhe a miséria digna. Contudo, não pude deixar de comparar outra vez o homem de agora com o de outrora, entristecer-me⁴ e encarar o abismo que separa as esperanças de um tempo da realidade de outro tempo...

– Ora adeus! Vamos jantar, disse comigo.

Meto a mão no colete e não acho o relógio. Última desilusão! o Borba furtara-mo no abraço.

¹ CAPÍTULO LX] CAPÍTULO LXII – em MPBC1-1880.

² atalhou Quincas Borba.] atalhou o Quincas Borba. – em MPBC1-1880 e em MPBC2-1881.

³ que não pude] que eu não pude – em MPBC1-1880 e em MPBC2-1880.

⁴ entristecer-me] entristecer-me, – em MPBC1-1880 e em MPBC2-1881.